

SERTÃO DE PROMESSAS

Thiago Elias Ribeiro (Mestre em Letras pela UFES)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é dissertar sobre a obra *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, principalmente sobre os aspectos que envolvem promessas feitas pelas personagens desde o início até o final da história. Para isso, serão observados os compromissos firmados pelos protagonistas, bem como por outros atores no romance; bem como as implicações dessas promessas para o desenrolar da trama.

Palavras-chave: João Guimarães Rosa. Promessas. *Grande sertão: veredas*.

ABSTRACT

The purpose of this work is to dissert about the work *Grande sertão: veredas*, by João Guimarães Rosa, principally on the aspects that involve promises made by the characters from the beginning till to the end of the story. For this, the compromise signed by both the protagonists, as other actors within the work will be observed; as well as the implications of these promises for the unreveling of the plot.

Keywords: João Guimarães Rosa. Promises. *Grande sertão: veredas*.

A obra *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, publicado em 1956, é um livro com mais de 600 páginas, sem capítulos e com uma narrativa não linear. A história é contada por Riobaldo, também conhecido como Tatarana ou Urutu-Branco, ex-jagunço que virou proprietário de terras. Ele conta sua história a um interlocutor não nomeado e chamado apenas de senhor, que não se manifesta, sendo possível perceber sua opinião pelas inferências de Riobaldo.

Entre idas e vindas, narra a história de sua infância pobre com sua mãe, Bigri, e sem conhecer o pai; também trata do encontro com o menino Reinaldo quando pedia esmolas no porto do rio e da travessia feita de canoa até o São Francisco, por ordem do Reinaldo, já que estava com muito medo. Além disso, relata sobre a morte de sua mãe, e quando é enviado para a fazenda São Gregório para morar com seu padrinho Selorico Mendes. Na fazenda do padrinho, que posteriormente descobre ser seu pai, aprende a atirar, conhece o bando de jagunços de Joca Ramiro e revê Reinaldo. Também é por causa de Selorico Mendes que aprende a ler e, algum tempo depois, vira professor de Zé-Bebelo que o convida para fazer parte de seu bando

Zé Bebelo tinha intenções de acabar com a jagunçagem no sertão e ser eleito deputado. Pouco tempo depois, Riobaldo decide abandonar Zé Bebelo e juntar-se ao bando de Joca Ramiro, introduzido por Reinaldo. Dessa relação com Reinaldo, também chamado de Diadorim apenas por ele, nasce um sentimento e uma das tônicas do livro, que é o desejo sentido por Riobaldo por esse amigo do mesmo sexo. Após confrontos diversos, Zé Bebelo enfrenta o bando de Joca Ramiro e acaba sendo derrotado, capturado e submetido a um julgamento. Com o desenrolar do julgamento, e com a intervenção de Riobaldo, o preso escapa da morte e é condenado a deixar a região e ir para Goiás. Essa decisão contraria Hermógenes e Ricardão que acabam traindo o bando e matando Joca Ramiro.

Inicia-se aí uma vingança visando a morte dos “judas”, que torna-se cada vez mais difícil, principalmente pela suspeita de que Hermógenes tenha feito um pacto com o demônio. A possibilidade de realização de um pacto com o demo, para ajudar a cumprir a promessa de vingar Joca Ramiro, faz com que Riobaldo viva um grande dilema na narrativa sobre a existência ou não do Diabo. Em determinado momento da história, depois de ouvir

uma história de Joe Bexiguento e com um ambiente propício, ele vai até uma encruzilhada à meia-noite em busca da realização do acordo com o demônio e mesmo sem ver o maligno e sem ter a certeza da veracidade do acordo, sente-se preparado para assumir a liderança do bando e, assim, levar os jagunços a concretização dos planos de matar Hermógenes.

Na derradeira luta, porém, ele não luta, e, sim, fica escondido em um local, e desmaia enquanto Diadorim, em uma luta com punhal, mata o “judas”, porém perde a vida. Só depois da morte de Diadorim, na preparação do corpo pela mulher do Hermógenes, que Riobaldo descobre que seu amigo era na verdade Maria Deodorina da Fé Bettaucourt Marins, ou seja, uma mulher. Até o fim da narrativa permanece em Riobaldo o questionamento da veracidade do pacto e até mesmo da existência do Diabo.

O romance está cercado de promessas feitas por diversos personagens e em diferentes momentos da história, sendo uma ação corriqueira, e, por muitas vezes, um fio condutor da história. Esses votos são um compromisso assumido perante algo ou alguém como sinal de agradecimento, respeito, amor ou até mesmo vingança.

O próprio Rosa demonstra acreditar que as promessas são feitas para serem cumpridas, portanto não devem ser desfeitas, tanto que em entrevista disse:

A esse respeito, quero dizer uma coisa: Enquanto eu escrevia *Grande Sertão*, minha mulher sofreu muito porque nessa época eu estava casado com o livro. Por isso dediquei-o a ela, para lhe agradecer sua compreensão e paciência. Você deve saber que tenho uma mulher maravilhosa. Como sou um fanático da sinceridade linguística, isto significou para mim que lhe dei o livro de presente, e portanto todo o dinheiro ganho com esse romance pertence a ela, somente a ela, e ela pode fazer o que quiser com ele. Não necessito dele, tenho meus vencimentos; uma verdadeira mulher sempre sabe encontrar utilidade para o dinheiro, tanto no sertão como no Rio. Pode-se achar precipitada esta atitude, principalmente, quando depois o livro obtém grande êxito. Mas uma dedicatória é uma promessa, e devemos cumprir nossas promessas. (ROSA E LORENS, 1983, p. 78-79)

Desde o início da história a promessa já aparece dando direcionamento para alguns eventos que vão gerir as ações, pois é por causa da promessa feita pela mãe de Riobaldo, que este tem que pedir esmolas,

Pois tinha sido que eu acabava de sarar duma doença, e minha mãe feito promessa para eu cumprir quando ficasse bom: eu carecia de tirar esmola, até perfazer um tanto – metade para se pagar uma missa, em alguma igreja, metade para se pôr dentro duma cabaça bem tapada e breada, que se jogava no São Francisco, a fim de ir, Bahia abaixo, até esbarrar no Santuário do Santo Senhor Bom-Jesus da Lapa, que na beira do rio tudo pode. (ROSA, 2001, p. 117)

E que o leva a conhecer o menino que vai se tornar seu parceiro de jagunçagem e seu grande amor.

Ora, lugar de tirar esmola era no porto. Mãe me deu uma sacola. Eu ia, todos os dias. E esperava por lá, naquele parado, raro que alguém vinha.[...] Aí pois, de repente, vi um menino, encostado numa árvore, pitando cigarro. Menino mocinho, pouco menos do que eu, ou devia de regular minha idade. Ali estava, com um chapéu de-couro, de sujigola baixada, e se ria para mim. (ROSA, 2001, p. 117-118)

Ao longo da narrativa são encontradas muitas referências a promessas assumidas que chegam a direcionar a história, como a de Diadorim que havia jurado vingar seu pai Joca Ramiro, matando o Hermógenes, o que faz com que fuja da concretização do amor por Riobaldo e o leva até a morte. Riobaldo, por sua vez, até intenta fazer Diadorim desistir de cumprir seu voto e até mesmo sair da jagunçagem, mas sem sucesso:

– Escuta, Diadorim: vamos embora da jagunçagem, que já é o depois-de-véspera, que os vivos também têm de viver por só si, e vingança não é promessa a Deus, nem sermão de sacramento. Não chegam os nossos que morremos, e os Judas que matamos, para documento do fim de Joca Ramiro?! (ROSA, 2001, p. 390)

Diadorim também é provocador de outras juras de Riobaldo, como a de que não teria relação com mulher nenhuma para ter mais coragem para a luta: “Afiançado, falou: – ‘Promete que temos de cumprir isso, Riobaldo, feito jurado nos Santos-Evangelhos! Severgonhice e airado aveio servem só para tirar da gente o poder da coragem... Você cruza e jura?! Jurei.’” (ROSA, 2001, p. 207)

Promessa cumprida por ele durante um pequeno período de tempo e em presença de Diadorim, sendo que por vezes, quando longe, incorria no descumprimento do trato: “Um dia, no não poder, ele soube, ele quase viu: eu tinha gozado hora de amores, com uma mocinha formosa e dianteira, morena cor de doce-de-buriti.” (ROSA, 2001, p. 208)

Aliás, mulheres e juramentos quase sempre andam juntos na vida de Riobaldo. É o caso de Otacília, que recebeu a promessa de que um dia ele se casaria com ela: “Mas eu cacei melhor coragem, e pedi meu destino a Otacília. E ela, por alegria minha, disse que havia de gostar era só de mim, e que o tempo que carecesse me esperava, até que, para o trato de nosso casamento, eu pudesse vir com jus.” (ROSA, 2001, p. 213)

De todas as promessas feitas por Riobaldo, a que parece ter se cumprido foi feita à Otacília, uma vez que, depois de tudo acabado – Hermógenes e uma boa parte do bando dele; Diadorim estando morto e a possibilidade de concretização do romance também – só resta (muito oportunamente) ao protagonista aceitar as fazendas deixadas pelo padrinho/pai, Selorico Mendes, e casar-se com Otacília: “Conforme me casei, não podia ter feito coisa melhor, como até hoje ela é minha muito companheira – o senhor conhece, o senhor sabe.” (ROSA, 2001, p. 619)

Diadorim persegue sua promessa de vingar seu pai e é acompanhado por Riobaldo, que mesmo oscilante acaba por se render a mais um pedido de Diadorim: “Por teu pai vou, amigo, mano-oh-mano. Vingar Joca Ramiro...” (ROSA, 2001, p. 81). Segundo Cleusa Passos, essa promessa já era um anúncio, desde o princípio, da travessia e simulacro para um gostar amargo e frutífero que marcará a existência de Riobaldo. Ao narrar a história, Riobaldo chega a culpar-se por ter seguido o voto de matar o Hermógenes, que foi a causa do aniquilamento de Diadorim.

Para Walnice Galvão, a própria condição de jagunço obriga os personagens a fazer valer as palavras empenhadas, uma vez que “As noções de honra e de vingança, bem como o cunho coletivo de sua atuação, estão inextricavelmente ligados à sua figura.” (GALVÃO, 1986, p. 15-47) Existia uma ética jagunça, padrão quase cavalheiresco, que fazia com que os jagunços acreditassem que o descumprimento de uma palavra dada é era um crime maior

do que todas as outras atrocidades cometidas por eles: “[...] Crime, que sei, é fazer traição, ser ladrão de cavalos ou de gado... não cumprir a palavra...” (ROSA, 2001, p. 282).

Sendo assim, Hermógenes e Ricardão são perseguidos como traidores, por não terem cumprido o compromisso de serem fiéis a Joca Ramiro, e, ainda, mataram-no, ferindo o código de lealdade da jagunçagem, ao que Heloísa Starling diz: “Em face desse tipo de gente, os violadores de pactos e da palavra dada, os que cometem o pecado da traição, estava justificada até mesmo aos olhos de Titão Passos, a legalidade do direito de guerra para preservar a justiça [...]” (STARLING, 1999, p. 162). Titão Passos era um dos que mais defendiam as práticas das leis, no entanto, em se tratando de violadores de pacto, foi um dos primeiros a conclamar os jagunços para vingança: “– Hem, diá! Mas quem é que está pronto em armas, para rachar Ricardão e Hermógenes, e ajudar a gente na vingança agora, nas desafrontas? Se tem, e ond’ é então que estão?!” (ROSA, 2001, p. 313)

Nota-se que grande parte das promessas são feitas em resposta a uma traição, ou seja, uma quebra de pacto por parte do Hermógenes e do Ricardão. Isso confirma a valorização desse simples ato de empenhar uma palavra, e que deve ser respeitado, muitas vezes, com a própria vida. Sendo assim, o descumprimento do voto pelos Judas gera o ódio que vai conduzir as ações dos jagunços em busca de vingança.

Riobaldo não é um perfeito exemplo da ética jagunça, pois é inconstante e muda de direção de acordo com seu interesse. Pensa ter feito um pacto com o Diabo e, logo após terminar seus propósitos e sua luta, levanta questionamento sobre a veracidade do acordo, fala em deixar seus líderes e os jagunços, jura a Diadorim que não teria mulher nenhuma e não cumpre. Para Galvão, “Riobaldo é só meio-jagunço; sua carreira toda será perturbada pela consciência da disponibilidade, pelo indagar e indagar-se, e pelo duvidar” (GALVÃO, 1986, p. 97). Contudo, seu amor por Diadorim faz com que ele cumpra algumas promessas. Por vezes quando quis abandonar os jagunços, Diadorim o convence a ficar e o faz prometer para selar seu compromisso, ao que ele cumpre e sempre reafirma seu compromisso: “...Ao enquanto Joca Ramiro pode precisar da gente, você mesmo me

prometeu, Riobaldo: a gente persiste por aqui.’ Prometi outra vez, confirmei.” (ROSA, 2001, p. 300)

Aliás, Diadorim tem extrema influência nas ações de Tatarana que o fazem cumprir algumas promessas, como quando promete apadrinhar uma moça para que tenha um casamento:

Menina, tu há de ter noivo correto, bem apessoado e trabalhador, quando for hora, conforme tu merece e eu rendo praça, que votos faço... Não vou estar por aqui, no dia, para festejar. Mas, em todo tempo, vocês, carecendo, podem mandar chamar minha proteção, que está prometida – igual eu fosse padrinho legítimo em bodas! (ROSA, 2001, p. 473)

Sabe-se que, em diversos casos, a prática era que as moças fossem violentadas, porém a figura de Diadorim provoca uma ação totalmente distinta que causa espanto em todos:

Alto estive, atrás do que falei. Ela se assustou, outra vez, sem capacidade nenhuma, ainda mais ao avermelhar. E eu também mercês colhi – da alegria veraz, nos meus olhos de Diadorim. Será que será, que por contentar profundo Diadorim eu tinha feito aquilo resoluto? (ROSA, 2001, p. 473-474)

Também a importância de determinadas personagens fazem com que a palavra empenhada esteja acima de suas próprias vontades. Homens como Joãozinho bem-bem, Medeiro Vaz, Joca Ramiro, Zé Bebelo e o Urutú-Branco não podem voltar atrás em seus compromissos:

Sabia que eu estava até com enjôo da situação daquele homem da égua, meu gosto era permitir que ele fosse s’embora, forro de qualquer castigo. Mas sabia igual que eu estava na estrita obrigação de matar – porque eu não podia voltar atrás na promessa da minha palavra declarada, que os meus cabras tinham escutado e glosado. (ROSA, 2001, p. 490)

Zé Bebelo também é uma personagem marcada por muitas promessas dentro do romance, o que demonstra a importância da palavra dada, principalmente para homens

daquele contexto. Um exemplo disso está na trégua pedida por ele e que é prontamente atendida:

- “Resolvo. Sendo em séria fiança, eu aceito o intervalo de armas, com o prazo demarcado de três dias. De três dias: digo! Agora, homem, tu vai – remete isto ao que estiver o seu chefe, seja lá quem.”
- “A vou...” – o Rodrigues Peludo se prometeu. (ROSA, 2001, p. 379)

Outro exemplo está no julgamento, uma vez que, mesmo sendo julgado, ele faz questão de afirmar que é um homem que cumpre a palavra: “‘- Sempre eu cumpro a palavra dada!’ – gritou de lá Zé Bebelo” (ROSA, 2001, 282). E ao fim da reunião, quando é condenado a ir embora para Goiás, contanto que assumisse o compromisso que não voltaria para guerrear com os Joca Ramiros:

[...] E, que perigo que tem? Se ele der a palavra de nunca mais tornar a vir guerrear com a gente, decerto cumpre. Ele mesmo não há de querer tornar a vir. É o justo. Melhor é se ele der a palavra de que vai-s’embora do Estado, para bem longe, em desde que não fique em terras daqui nem da Bahia... (ROSA, 2001, p. 292)

Zé Bebelo aceita e empenha sua palavra dizendo: “Mas minha palavra dando, minha palavra as mil vezes cumpro! [...]” (ROSA, 2001, p. 296); ao que cumpre e só retorna de fato depois da morte de Joca Ramiro e assume o bando com o juramento que vingaria a morte de Joca Ramiro pelos Hermógenes, pois eles eram Judas, ou seja, não cumpriram a palavra dada:

Adiante: – “Pois estamos. É o duro diverso, meu povo. Mas os assassinos de Joca Ramiro vão pagar, com seiscentos-setecentos!...” – ele definiu, apanhando um por um de nós no olhar. – “Assassinos – eles são os *Judas*. Desse nome, agora, que é o deles...” – explicou João Concliz. (ROSA, 2001, p.106)

Sobretudo, foi uma promessa a causadora do rompimento entre Joca Ramiro, Hermógenes e Ricardão, uma vez que todos esperavam a morte de Zé-bebelo; Joca Ramiro decide por julgá-lo,

– “Aposto que sei. Aí foi ele mesmo quem quis. O homem estúrdio! Foi defrontar com Joca Ramiro, e, assim agarrado preso, do jeito como desgraçado estava, brabo gritou: – Assaca! Ou me matam logo, aqui, ou então eu exijo julgamento correto legal!... e foi. Aí Joca Ramiro consentiu, apraz-me, prometeu julgamento já...” (ROSA, 2001, 270)

E pior do que o julgamento, foi a decisão de libertá-lo, causando o ódio em Hermógenes e Ricardão e que os levam a trair Joca Ramiro.

Também a saída dos bandos e as despedidas são marcadas por promessas, como Davidão que deixou a jagunçagem e prometeu alqueires de terra para convencer o Faustino a também segui-lo,

Soube somente só que o Davidão resolveu deixar a jagunçagem – deu baixa do bando, e, com certas promessas, de ceder uns alqueires de terra, e outras vantagens de mais pagar, conseguiu do Faustino dar baixa também, e viesse morar perto dele, sempre. (ROSA, 2001, 111)

o Felisberto que ficou com duas prostitutas que viviam amigadas e que prometeram cuidar bem dele e não deixá-lo sentir falta de nada,

O Felisberto se riu, tão incerto feliz, que eu logo vi que tinha justo pensado. E elas, demais. – “Deixa o moço, que nós prometemos. Tomamos bom cuidado nele, e tudo, regalado sustento. Que de nada ele há-de nunca sentir falta!” Tanto elas disseram, que tudo transformavam. Mulheres. (ROSA, 2001, p. 545)

e Zé Bebelo que pede a promessa de Riobaldo que iria procurar o homem que estava indicando.

– “Riobaldo, eu sei a amizade de que agora tu precisa. Vai lá. Mas, me promete: não adia, não desdenha! Daqui, e reto, tu sai e vai lá. Diz que é de minha parte... Ele é diverso de todo o mundo.” (ROSA, 2001, p. 622-623)

Nesse lugar onde se tem tão pouco, a palavra dada é um dos poucos bens em que se pode fiar, por isso se recorre tanto a ela e se preserva muitas vezes com a própria vida. O próprio Zé Bebelo, que era homem de posses, valia-se de promessas para atrair homens para sua empreitada: “Ao que Zé Bebelo elogiou a lei, deu viva ao governo, para perto futuro prometeu muita coisa republicana.” (ROSA, 2001, p. 149) Ele falava com tamanho entusiasmo e eloquência que convencia aos demais:

- “Não vê, Chefe, praz vosso respeito: as coisas demudaram... Que viemos com siu Zé Bebel’... Vai, a gente gastou o entendido...” – ele disse. - “O que Zé Bebelo falou, quando chamou vocês?”
- “A foi. Quando chamou, senhor sim...” - “Ele prometeu vantagens?”
(ROSA, 2001, 515)

Diante do exposto, pode-se perceber a importância da promessa como introdutora, motivadora e fator determinante para o desenrolar de toda a narrativa do *Grande sertão: veredas*. Além disso, observa-se como o próprio contexto de religiosidade, da ética jagunça, do amor, do ódio e do desejo de vingança fazem com que as juras surjam como um movimento natural que enriquece ainda mais a história.

REFERÊNCIAS

- GALVÃO, Walnice Nogueira. A condição jagunça [1970]. **As formas do falso: um estudo sobre a ambiguidade em Grande sertão: veredas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1986, p. 15-47. [1ª edição: 1972.]
- PASSOS, Cleusa. **Os maus segredos. Guimarães Rosa: do feminino e suas estórias**. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2000, p. 141-173.
- ROSA, Guimarães. **Grande sertão: veredas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. [624 páginas]
- ROSA, Guimarães & LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. COUTINHO, Eduardo (org.). **Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983, p. 62-97. (Fortuna Crítica, vol. 6) [Entrevista de 1965]
- STARLING, Heloisa. As sete voltas da cauda do diabo. **Lembranças do Brasil: teoria, política, história e ficção em Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Revan; Ucam, luperj, 1999, p. 161-180.

Recebido em 14 de maio de 2018

Aceito em 13 de Agosto de 2018